

Primavera gótico-tropikal no fascismo dos supermercados

Parte 1

Alejandro Donaire Palma¹

– *a: Dime qué pasó*

b: Eh, pasa ná

Lafloripondio, ‘Dime que pasa’ (2001)

– *Yo no vi nada, pero de que estuvo*

bueno, estuvo bueno.

Transeunte anônimo entrevistado durante

saque de uma empresa automotiva em

Rancagua (2019)

O florescimento explosivo da primavera em outubro de 2019 evidenciou os limites históricos do consenso que por trinta anos legitimou a implantação do regime neoliberal no território chileno. Uma primeira leitura indica que o estopim da crise foi o aumento de \$30 pesos chilenos (algo em torno de R\$0,16) na passagem do metrô de Santiago. Desde segunda-feira, 7 de outubro, foram feitas evasões em massa no pagamento da tarifa, protagonizadas por estudantes do ensino médio. Em duas semanas, o movimento cresceu em convocação e alcance, parcialmente alimentado pelos rostos de uma classe político-

¹ Pesquisador independente vinculado a grupos de estudos autônomos e mediativismo em centros sociais okupados na região de Valparaíso, Chile. Esporadicamente trabalha como analista de dados e mercenário pre/cog.

gerencial incapaz de fornecer respostas satisfatórias aos cidadãos-espectadores, os que viralizaram a crise como um feitiço cubista no *mediascape*².

Durante as primeiras semanas de outubro, a estratégia de comunicação do governo foi estranha, errática. Na terça-feira, 8 de outubro, o ministro da economia Arturo Fontaine prestou uma “consultoria de investimento gratuita” às famílias de baixa renda observando que a nova estrutura de preços do metrô abriu um nicho de oportunidade, uma vez que “quem acordar mais cedo, será beneficiado com uma tarifa mais baixa”³. Uma semana depois, a ministra dos Transportes, Gloria Hutt, tentou diminuir o ritmo das evasões dizendo que os estudantes não tinham motivos para protestar porque o aumento ocorreu na passagem dos adultos – ou seja, suas mães e pais – e não para eles⁴. Como se fosse uma ressaca horrível de cocaína cortada com levamisol, muitos despertaram percebendo que os engenheiros comerciais e especialistas em marketing, nas mãos daqueles que deixaram o *governo de suas vidas*, pareciam não entender da economia diária dos chilenos.

Na quarta-feira 16, o presidente da empresa Metro questionou os manifestantes com arrogância, apontando que suas ações de sabotagem não tinham sentido nem dispunham de grande apoio. Suas palavras foram “caras, isso não ligou/acendeu”⁵. Dois dias depois, os protestos se espalharam pela rede de metrô, resultando em vinte estações queimadas em um único dia⁶. Muitos vão se lembrar da noite do dia 18 pelo som de cacos de vidro e pelo cheiro de plástico queimado. Na manhã seguinte, o país acordou com um estado de exceção constitucional, declarado primeiro em parte da região Metropolitana e depois expandido para Valparaíso e Concepción.

² Pelo conceito do *mediascape* seguimos a definição proposta por Appadurai, que se refere «both to the distribution of the electronic capabilities to produce and disseminate information (newspapers, magazines, television station, film production studios, etc.), which are now available to a growing number of private and public interests throughout the world; and to the images of the world created by these media». Em Appadurai, A. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. *Theory, Culture & Society* 7. 1990, 298-299. Franco Berardi caracteriza o *mediascape* como o sistema de mídia em constante evolução, que constitui um universo de emissores que enviam sinais ao cérebro no mais variado formato. Em Berardi, F. *Generación Post-Alfa. Patologías e imaginarios en el semiocapitalismo*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2007.

³ Tanto a declaração do ministro Fontaine à CNN-Chile quanto alguns tweets que surgiram em resposta podem ser lidos em https://www.cnnchile.com/pais/reacciones-ministro-fontaine-alza-metro_20191008/

⁴ Declaração do ministra Hutt em <https://www.emol.com/noticias/Nacional/2019/10/15/964391/metro-evasion-masiva-estudiantes.html>

⁵ Ver <https://www.youtube.com/watch?v=dQRMbHaiaI>

⁶ Ver <https://www.biobiochile.cl/noticias/nacional/region-metropolitana/2019/10/19/20-estaciones-quemadas-y-41-con-diversos-danos-el-recuento-de-metro-por-jornadas-de-protestas.shtml>

Após cinco dias, quase todas as capitais regionais do país se encontravam militarizadas. Já em 23 de outubro, mídias como CNN e RT compartilharam a mesma informação: 18 mortos e cerca de 1500 pessoas presas no contexto do conflito social desencadeado⁷. Ainda não se falava sobre as mutilações oculares.

Fim da constituição de Pinochet. Fim da dívida de crédito da universidade com bancos privados. Fim do sistema de pensões capturado pelo capital financeiro. Fim à vida precária. Qualquer um poderia se sentir convocado. Em 25 de outubro, menos de uma semana após a declaração do estado de emergência, uma manifestação social em massa foi realizada em todo o país. Em Santiago, alcançou aproximadamente um milhão de pessoas organizadas espontaneamente no setor de avenida Alameda, uma multidão que passou em frente ao palácio presidencial de La Moneda⁸. Nenhum agente biopolítico no território poderia ficar indiferente a isso. Então as perguntas começaram a percorrer as ruas, crescendo de murmúrio em murmúrio até que elas floresceram em um estrondo maciço. O que estava acontecendo? Por que isso não aconteceu antes? Quem incentivou tudo isso?

Hostis e soberania grotesca

– (...) *y están lo que piensan solo en destruir / que todo es en vano y que le mundo va a morir*
Alberto Plaza, ‘Que cante la vida’ (1985)

– (...) *eso se llama ‘enlace’, ‘contacto’, que la gente sabe que si se toca ‘eso’ hay que hacer ‘esto’*
Augusto Pinochet entrevistado por Eduardo Bonvallet
no programa de televisão ‘Noche de Bomba’ (1997)

⁷ Os links respectivos são, para CNN <https://cnnespanol.cnn.com/video/aumentan-muertes-chile-menor-manifestaciones-violencia-policia-rodrigo-ubilla-sot/>, e RT https://www.youtube.com/watch?v=Lg_BanUOqhE

⁸ Em uma cobertura noticiosa do dia da demonstração em Santiago do Chile, focada na imensidão da chamada, confira <https://www.24horas.cl/nacional/marcha-de-este-viernes-convoca-a-la-multitud-mas-grande-en-la-historia-de-chile-3684501>

A última pergunta foi fundamental na definição estratégica do governo Piñera sobre a crise. Na manhã de domingo, 20 de outubro, o presidente Sebastián Piñera declarou que o país estava em guerra “contra um inimigo poderoso e implacável, que não respeita nada nem ninguém e que está disposto a usar a violência e o crime sem nenhum limite”⁹.

Piñera tem insistido em apontar a presença de um “outro”, ontologicamente *estranho* e *hostil*, estabelecendo marcas mínimas de reconhecimento para ordenar um discurso comum que permita constituir o “nós, chilenos” coeso através da identificação reativa, por diferenciação. O discurso presidencial de 20 de outubro mostra que a estrutura de decisão soberana precisa de um rosto que sirva como bode expiatório para justificar a implantação de terror repressivo no contexto de uma dinâmica declarada de guerra defensiva, lida na chave schmitteana do relacionamento ‘amigo-inimigo’¹⁰. Devemos lembrar a influência do pensamento de Carl Schmitt, através da caneta de Jaime Guzmán, na gênese do marco constitucional estabelecido em 1980, durante a ditadura de Pinochet¹¹.

No entanto, o maniqueísmo analítico subjacente ao transcendentalismo schmittiano não permitiu ao governo de Piñera definir um *hostil* que conseguisse vincular seus interesses aos dos “chilenos”. Desde que o conflito eclodiu, foram mencionados alienígenas¹², torcidas organizadas associadas às redes de narcotráfico, anarquistas invisíveis realizando guerras imaginárias, combatentes internacionalistas retirados de velhas revistas *pulp*, ou fãs de K-Pop espalhando memes contra o governo. Piñera defendeu a tese de interesses estrangeiros na crise, seguindo as pistas do presidente dos EUA, Donald Trump, que, com base nas informações fornecidas pelo chefe da América Latina do

⁹Ver <https://www.youtube.com/watch?v=jlxxnm7dGUA>

¹⁰ Schmitt, C. *El concepto de lo político. Texto de 1932 con un prólogo y tres corolarios*. 5ta Reimp. Madrid: Alianza Editorial, 2009. O autor afirma que «um povo que existe politicamente não pode prescindir de se distinguir, quando apropriado, entre amigo e inimigo e assumir o risco correspondente» (p.79), cujo objetivo é «marcar o grau máximo de intensidade de uma união ou separação, de uma associação ou dissociação» (p.57), entendendo-o como um processo de agrupamento / desagrupamento político orientado para um caso 'decisivo', definido por um conflito. Sob esse sistema, cujo centro é a defesa da unidade transcendental do Estado como expressão da vontade soberana, o conceito de *hostis* é entendido como «o grupo de homens que eventualmente, isto é, com relação a uma possibilidade real, é considerado em oposição a outro conjunto analógico» (p.58).

¹¹Para abordar a influência de C. Schmitt em Jaime Guzmán, ideólogo e editor principal da Constituição chilena de 1980, ver Cristi, R. *El pensamiento político de Jaime Guzmán: una biografía intelectual*. 2da edición. Santiago de Chile: LOM, 2011.

¹² Em áudio filtrado de um grupo do WhatsApp, Cecilia Morel - primeira-dama do país e esposa de Piñera - projeta uma visão alarmista da crise, argumentando: «é como uma invasão alienígena, não sei como dizer, e não temos as ferramentas para combatê-los» Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=o3zz7-2E8Xk>

Departamento de Estado – Michael Kozak –, aponta que existem contas falsas nas redes sociais semeando discórdia da Rússia¹³. RT contra a CNN.

Mas, nas conversas diárias ao meio-dia em bares e cafeterias, também se fala do governo de Maduro, ou dos próprios *yankees* plantando bandeiras falsas. Velhos apostadores de corridas de cavalos tomam pequenos goles de pisco barato. Eles já passaram por isso nos anos ‘70s. A história acontece duas vezes: primeiro em VHS e depois como uma série da Netflix.

Os primeiros meses, os diferentes argumentos que circulam na *mediascape* em torno de cada possível “inimigo” tendem a colocar os agentes antagônicos em uma posição parcial, o que não permite a invocação de um *hostis* em torno do qual definir uma topologia clara do conflito da perspectiva do governo. Como pode ser visto nas teses que ligam células anarquistas insurrecionistas a redes relacionadas ao narcotráfico¹⁴, embora possam ser mostrados como operacionalmente convergentes – como no caso de pilhagens e queima de supermercados –, não é possível estabelecer uma narrativa coerente que os vincule de suas possíveis motivações ideológicas ou econômicas. Isso ficou particularmente claro após a prisão e subsequente julgamento público do membro do conselho municipal da cidade de La Calera, Karim Chahuán, que foi pego liderando uma quadrilha de saqueadores que operaram durante as primeiras semanas do conflito. Isso atingiu diretamente o governo, já que Chahuán faz parte do partido do presidente, *Renovación Nacional*. Como um daqueles belos cartões postais da política latino-americana, além de ter comprovado sua ligação com

¹³ Isso pode ser lido em uma entrevista concedida por Sebastián Piñera à mídia espanhola EIPaís.com, onde o presidente do Chile aponta para a pergunta sobre supostos autores: «Recebi muitas informações, algumas delas de fontes externas, que afirmam que houve intervenção de Governos estrangeiros. Mas quero ser prudente, entregamos essas informações ao Ministério Público, que é aquele que, por mandato da lei, deve investigar crimes no Chile (...) ouvi o que um funcionário do Departamento de Estado dos Estados Unidos disse, ouvi o que a OEA e muitas organizações altamente respeitadas disseram. Não descarto nada, mas como presidente do Chile tenho que ser cauteloso». Consulte https://elpais.com/internacional/2019/11/09/actualidad/1573313845_751195.html

¹⁴ O principal defensor da tese narco-anarquista foi Mario Waissbluth, conhecido como o promotor da iniciativa *Educación 2020*, que na coluna de opinião 'Violencia y violentistas: al borde del precipicio', publicado em 25 de novembro no site ElMostrador.cl, suscita uma instrumentalização de jovens que praticam atos de violência anti-policiais por grupos coordenados de narcotraficantes e anarquistas, destacando que: «Não há nada melhor para o negócio de narcóticos do que um Estado falido, como ocorre em grande parte da Colômbia, Venezuela e México. Eles querem a destruição definitiva do Estado, como dizem seus manuais. Jovens violacionistas buscam o fim de suas humilhações e injustiças, o que não é o mesmo. Mas essa confluência astral é simplesmente letal. Os narcoanarquistas não estão interessados em pactos sociais ou constitucionais, pelo contrário, complicam seus negócios». Disponível em <http://elmostrador.cl/destacado/2019/11/25/violencia-y-violentistas-al-borde-del-precipicio/>

um importante narcotraficante da região, Chahuán é primo de um dos principais representantes dos interesses da igreja evangélica no Congresso¹⁵.

O governo não consegue traçar um inimigo público adaptado aos seus interesses. No entanto, na *mediascape* é possível identificar uma *hostilidade* imanente ao próprio conflito que se manifesta através da violência nas ruas. As primeiras páginas dos jornais da manhã e dos blogs de esquerda falam sobre o mesmo, atraindo os contornos de um poder crítico difuso que empurra os diferentes atores individuais e coletivos. Uma totalidade antagônica em relação à qual cada chileno é chamado a tomar uma posição.

A máquina de repressão estatal operou como se o inimigo estivesse molecularmente desfocado através “dos chilenos”, assumindo que a hostilidade surge do próprio território como uma resistência multiforme à repressão. Um círculo vicioso e paranóico da estratégia militar. A aleatoriedade das vítimas levou o problema às poltronas onde famílias anônimas dos *Maicol* e dos *Brayan* engolem crônicas policiais e reality shows. Uma leitura perversa parece indicar que Piñera alcançou seu propósito de montar um “outro”, colocando um sinal de ‘atire em mim’ escrito com sangue na testa. Ocorreu um *mismatching* virtuoso de comunicação estratégica.

Após o discurso de 20 de outubro, houve uma estranha dobra no espaço político. A frase “Não estamos em Guerra” tornou-se um slogan e uma *hashtag* que ajudou a modular um horizonte de ação comum no qual os chilenos pudessem se reconhecer, embora de maneira negativa e reativa. A frase poderia ser compartilhada por um empresário liberal de direita e por uma professora hippie comunista. Na perspectiva dos cidadãos-espectadores, a posição beligerante assumida por Piñera é um fator de polarização, promovendo a violência social e repressiva. Portanto, incerteza e medo. *Analepse*. “Você atira ou eu atiro?”¹⁶. As imagens embaçadas dos detidos desaparecidos e os mortos em confrontos falsos. As discussões familiares durante o aniversário da vovó. O ressentimento da derrota. *Fim da Analepse*. Uma *trip* aos olhos que qualquer chileno poderia ter experimentado ao assistir na

¹⁵ Para uma investigação jornalística aprofundada, consulte <https://ciperchile.cl/2020/01/14/las-operaciones-del-concejal-chahuan-con-uno-de-los-narco-mas-poderosos-de-la-zona-central/>

¹⁶ Este é um segmento de concurso do programa de TV 'Sabados Gigantes', no qual o animador Don Francisco fazia um jogo semelhante à roleta russa, apostando com um participante do público em que vez a bala será disparada, em troca de prêmios como eletrodomésticos e carros. Um exemplo disso pode ser revisado em <https://www.youtube.com/watch?v=NYVS2HfmltM>. Uma elaboração mais ampla do impacto cultural e social do programa de televisão nas imagens sociais durante a ditadura chilena pode ser lida em Durán Escobar, P. '*Ríe cuando todos estén tristes*'. *El entretenimiento televisivo bajo la dictadura de Pinochet*. Santiago de Chile: Edições LOM, 2012.

televisão o rosto desse burocrata medíocre jogando para ser um Napoleão III do pátio da escola. Isso levou o próprio General Iturriaga, responsável pela Defesa Nacional durante o estado de exceção constitucional, a dizer um dia depois: “na verdade, eu não estou em guerra com ninguém”¹⁷. Com isto é estabelecida uma separação entre a decisão soberana sobre a crise e seu gerenciamento técnico.

O maniqueísmo schmitteano operou através de um duplo movimento de organização do espaço político. O primeiro movimento, podemos chamar de “soberania grotesca”, no sentido proposto por Foucault sobre o mecanismo de poder do estado que opera magnificando os efeitos do seu exercício através da desqualificação de quem o produz – na figura de um imperador histriônico ou uma máquina burocrática kafkiana–, como uma expressão à inevitabilidade do poder, que pode funcionar em todo o seu rigor e no ponto extremo da racionalidade, mesmo quando está nas mãos de alguém que é efetivamente desacreditado¹⁸. Friedrich Balke oferece uma perspectiva interessante sobre isso a partir de sua leitura do problema da soberania em Schmitt, desenvolvido em *Teologia Política* (“soberano é aquele que decide o estado de exceção”¹⁹), mostrando que a “desqualificação” indicada por Foucault pode ser entendido como a *de-qualification* do sujeito que executa a decisão soberana que ocorre na medida em que virtualmente qualquer pessoa possa ocupar esse cargo²⁰. Meu tio Gastón, ou qualquer chileno, diria algo como “*El más weón al arco.*”²¹.

Piñera era *um* candidato ideal para assumir a convergência crítica que precipitou o florescimento explosivo da primavera chilena. Sua responsabilidade é apenas um gesto – relevante, mas específico – no qual a vontade soberana de declarar o estado de exceção é confundida com a decisão técnica do governo com base no estabelecimento de um gerenciamento das correlações de força no território. Mas ele ainda era apenas *um* candidato no quadro do jogo democrático. *King 4 a Day, Fool 4 a Lifetime.*

¹⁷ Ver <https://www.latercera.com/nacional/noticia/la-verdad-no-estoy-guerra-nadie-general-iturriaga-se-desmarca-dichos-del-presidente-pinera/870824/>

¹⁸ Foucault, M. *Los Anormales. Curso en el Collège de France (1974-1975)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

¹⁹ Schmitt, C. *Teología Política*. Madrid: Trotta.

²⁰ Balke, F. “The War Has Not Ended”: Thomas Hobbes, Carl Schmitt and the Paradoxes of Countersovereignty. Em Vatter, M. (ed.) *Crediting God: Sovereignty and Religios in the Global Capitalism*. New York: Fordham University Press, 2011. p.179-189.

²¹ “O mais trouxa é o goleiro”

Tanto pelo gerenciamento da crise quanto pela aplicação de sua estratégia repressiva, o governo de Piñera estava do lado oposto dos interesses da vontade popular. Sua biografia pessoal e familiar o colocou como parte da elite empresarial que se beneficiou do desmantelamento do aparato público e da previdência social sob o regime neoliberal. Sua demissão foi solicitada nas paredes. As máquinas políticas da centro-esquerda parlamentarista rapidamente assimilaram isto, institucionalizando a demanda social por meio de uma acusação constitucional contra o presidente. Claro, isso não deu em nada.

Na sessão da Câmara dos Deputados de 12 de dezembro, a demanda foi rejeitada por aspectos formais²². Embora, alguns ficaram contentes por ter sucesso na acusação constitucional de Andrés Chadwick, ministro do Interior e primo de Piñera, que além de sua responsabilidade pelos abusos dos direitos humanos durante a repressão nas ruas realizada desde outubro, apenas um ano antes esteve envolvido na morte não-acidental de Camilo Catrillanca.

Os primos Piñera e Chadwick são como os *corporate bad-guys* dos filmes de *Robocop*: yuppies neoliberais de cabelos brancos e caretas de répteis viciados em cocaína. Seus rostos expressam o limite corrupto da racionalidade política que guia o país há quase meio século, mostrando a obsolescência histórica de seus mecanismos de integração e produção de um horizonte comum para os 'chilenos' em torno da uma ordem social que produz desenvolvimento econômico ao qual todos têm acesso, na medida em que tornar-se agentes competitivos no mercado. Porém, só estresse e dívida. Por meio de Piñera, a máquina soberana lança declarações de 'estabilidade', 'normalidade' e 'coesão', mas aparentemente não consegue produzir nenhuma proposta de intervenção sobre os problemas sistêmicos que foram sedimentados por três décadas. Não apenas ele não pode “colocar ordem no país”, mas também mostra falta de *uma ordem* para oferecer, assumindo uma posição reacionária que só pode defender com a violência mais abjeta.

²² Esses 'aspectos formais' são estabelecidos na Constituição, Título IV, artigo 43, indicando que para prosseguir com a acusação é necessário resolver uma 'questão anterior' que atenda aos requisitos que o quadro jurídico indica, o que deve ser submetidos a uma votação pela Câmara dos Deputados. De acordo com a Constituição, quando esta 'questão anterior' for aprovada, a acusação será considerada como não arquivada, o que implica que a discussão sobre a impropriedade da acusação não pode ser renovada e ninguém pode insistir nela. Para cobertura da sessão parlamentar, ver <https://www.cooperativa.cl/noticias/pais/presidente-piñera/camara-de-diputados-desecho-acusacion-constitucional-contra-el/2019-12-12/161205.html>

Axiomática totalitária e infraestruturas críticas

– (...) *Pinocho tenía razón cuando dijo que estábamos viviendo en Guerra / el Asesino sembró una Guerra en nuestros Corazones*
Marcel Duchamp, ‘Ácaros’ (2003)

– (...) *trabajar como diseñadora, porque eso es lo que soy. Seguir con mis clases de ballet, porque las amo. Soy bailarina clásica. Y, a lo mejor, luego casarme.*
Cecilia Bolocco durante o rodada de perguntas do concurso ‘Miss Universo’ (1987)

Quase três meses após a explosão da primavera, a legitimidade do governo Piñera está no chão. Na sua primeira pesquisa do ano 2020, CADEM, empresa intimamente ligada ao ecossistema ideológico-econômico do qual o presidente participa, Piñera aparece com uma aprovação de 13% e uma desaprovação de 80%²³. Outras pesquisas apresentam visões mais críticas, mostrando apenas 5,1% de aprovação²⁴. Mas os mais sinistros são os olhos mutilados.

No início de janeiro de 2020, um relatório entregue pelo Colégio Médico do Chile mostrou que até o momento houve 360 casos de mutilação ocular, resultando em perda parcial ou total da visão, produzidos por *pellets*²⁵ e bombas de gás lacrimogêneo²⁶. Cada um desses olhos está sendo transformado em moeda para expiação dos cidadãos-espectadores penitentes. Eles não são apenas símbolos de um governo que declarou Guerra contra *seu* povo. São também marcas territoriais que atestam o nível máximo de hostilidade

²³ CADEM. *Encuesta ‘Plaza Pública’. Primera semana de Enero – Estudio n° 312*. Disponível em https://www.cadem.cl/wp-content/uploads/2020/01/Track-PP-312-Enero-S1-VF_Baja-1.pdf

²⁴ Active Research. *Pulso Ciudadano – Diciembre 2019. Publicación n°12*. Disponível em: <https://www.activaresearch.cl/storage/downloads/73d9a320542eb2330db79a2b9cf5dcdf.pdf>

²⁵ Projéteis não letais em formato de pequenas bolas.

²⁶ Uma notícia que aborda o relatório do ColMed disponível em: <https://www.elmostrador.cl/dia/2020/01/03/nuevo-reporte-colegio-medico-revela-que-360-personas-han-sufrido-traumas-oculares-durante-el-estallido-social/>

entre os chilenos que pode ocorrer quando os elementos mínimos de consenso social são rompidos. Eles são um aviso de que isso pode acontecer novamente se produzidas as condições sistêmicas que tornaram possível o florescimento explosivo da primavera. Nas paredes você pode ver a presença do novo *culto martiral do olho que sangra*. Toda marca, todo nome escrito na parede e toda história íntima esculpida nos corpos pelo choque social e econômico – violência e incerteza –, ajudam a produzir o segundo movimento maniqueísta da organização do espaço político. Dobra após dobra.

(Continua...)